



## A EDUCAÇÃO PORTUGUESA ATRAVÉS DO MONÓCULO DE EÇA DE QUEIRÓS

### THE PORTUGUESE EDUCATION THROUGH EÇA DE QUEIRÓS' MONOCLE

Marcio Jean Fialho de Sousa<sup>1</sup>

**RESUMO:** Eça de Queirós integrar-se a uma das diversas tradições portuguesa ao contribuir com o debate sobre a problemática educacional que se faz presente em muitos textos de sua autoria."

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Portugal, Eça de Queirós, debate, crítica.

**ABSTRACT:** Eça de Queirós integrated himself with several Portuguese traditions when he contributed with debate about educational matter that it is present in many texts he wrote.

**KEY WORDS:** Education, Portugal, Eça de Queirós, debate, criticism.

#### 1. Introdução

A discussão acerca das questões educacionais, desde o século XVIII, se tornou parte de uma das diversas tradições portuguesas, de modo que várias propostas de reforma educacional foram surgindo gradualmente no decorrer das décadas, tais como as apresentadas por António Ribeiro Sanches, Luís António Verney, no século XVIII e Luís Mousinho de Albuquerque, António Feliciano de Castilho, Almeida Garrett, Alexandre Herculano entre outros, na primeira metade do século XIX. Porém, por mais que a educação em Portugal tivesse se tornado um tema quase que obrigatório nos círculos intelectuais era, ainda, uma questão secundária nos meios políticos.

Essa indiferença política quanto à educação foi o que impulsionou os escritores a debaterem acerca desse problema considerado fundamental para o crescimento social e econômico português, bandeira essa que foi, também, sustentada pela Geração de 70.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da FFLCH-USP. E-mail: pavlofialho@ig.com.br.



Segundo António Machado Pires, a estrutura do sistema educacional português feita pela “leitura, pelo espetáculo, pelo exemplo, era amolecedora de caracteres, falseadora dos ideais, era sintoma e causa de decadência social e moral” (PIRES, 1992, p. 154), ou seja, o que se praticava nessa educação, muitas vezes, era a perpetuação de conceitos e atitudes morais pertencentes à burguesia, dessa forma, os valores sociais deveriam ser apenas copiados.

## 2. O olhar crítico de Eça de Queirós frente à Educação Portuguesa

Ao abordar assuntos referentes à questão educacional portuguesa, Eça de Queirós, ao proferir sua conferência no Casino, em 1871, teve como objetivo discursar a respeito do que chamou de “literatura de sentimento”, dizendo que essa deveria ceder o lugar à “anatomia do carácter”, levando-nos a compreender seu ponto de vista acerca da educação vigente em sua época. A educação que se preocupava com a imitação e a leitura pura e simplesmente deveria ser banida, dando espaço a uma educação reflexiva nos pormenores, de modo a transformar um todo social. Para combater o que chamou de literatura de sentimento seria necessário um novo jeito de pensar, uma nova maneira de ver a realidade, que pressupunha uma nova educação a ser praticada.

Para António Patrício, no *In Memoriam* de Eça de Queirós (1922), o cronista analisa a educação portuguesa tendo como parâmetro a educação estrangeira, em especial a francesa, fazendo com que uma visão superior da educação fosse valorizada em detrimento da portuguesa. Dessa forma, a partir de uma perspectiva cronológica, é possível observar que Eça aponta algumas preocupações ao descrever questões estruturais da educação, apresentadas em *Uma Campanha Alegre: Das Farpas* (1871), passando pelas questões ideológicas, tentando demonstrar as possíveis causas da degeneração e estagnação da cultura portuguesa, presente, de modo particular, em *Notas Contemporâneas* (1880-1881).



Carlos Reis, em *Eça de Queirós e o discurso da história* (REIS, 1994, p. 46), afirma que é comum, nas obras de Eça, aparecer a preocupação com os problemas educacionais, para isso destaca os inúmeros romances que abordam os programas pedagógicos, por meio dos quais se teriam formado as diferentes personagens.

Desse modo, Eça de Queirós, estabelece relações entre a personalidade adulta e o modelo de educação que recebeu durante a formação de sua personalidade. Esse modelo é retratado pelo romancista por intermédio das reconstituições das personalidades sociais que foram retratadas em suas obras, assim como o conhecido padre Amaro, em *O crime do padre Amaro*, representante do clero português, Luísa, personagem da famosa obra *O primo Basílio*, representante da mulher burguesa em Portugal, Teodorico Raposo, d'*A Relíquia*, entre outros. Também nos textos críticos queirosianos a problemática educacional é apresentada.

Com efeito, a produção jornalística de Eça de Queirós que apresenta temas relacionados à discussão educacional foi pensada e colocada em prática, inicialmente, em parceria com Ramalho Ortigão. No ano de 1871, com essa parceria, publicaram *As Farpas*, obra que dá continuidade a uma problemática crítico-revolucionária iniciada ano anterior com a publicação de *O Mistério da Estrada de Sintra* que, segundo Luís de Albuquerque (1978), teve como objetivo apresentar o ambiente cultural português da época. O próprio Eça de Queirós, no prefácio, disse que tinha como objetivo para essa obra “acordar tudo aquilo que a berros, num romance tremendo, buzinando à Baixa das alturas do *Diário de Notícias*; e parece que Lisboa efetivamente despertou, pela simpatia ou pela curiosidade” (QUEIRÓS. ORTIGÃO, 1992, p. 30). Em seguida afirma parecer ter conseguido atingir suas metas, se não pelo interesse, pela curiosidade.

Palavras essas que o autor retoma no texto de abertura do primeiro folheto d'*As Farpas*:

Leitor de bom senso – que abres curiosamente a primeira página deste livrinho, sabe, leitor – celibatário ou casado, proprietário ou produtor, conservador ou revolucionário, velho patuleia ou legitimista hostil – que foi



para ti, que ele foi escrito – se tens bom senso! E a idéia de te dar assim todos os meses, enquanto quiseres, cem páginas irônicas, alegres, mordentes, justas, nasceu no dia em que pudemos descobrir através da penumbra confusa dos factos, alguns contornos do perfil do nosso tempo. (QUEIRÓS. ORTIGÃO, 1992).

As *Farpas*, pelas palavras de Carlos Reis, possui um tom crítico, sarcástico e, às vezes, cômico acompanhado por um propósito de índole pedagógico (REIS, 1990, p. 30), que nos possibilita afirmar, com segurança, que buscou estabelecer uma reforma social dos costumes e mentalidade que rondava a política, o ensino, a literatura e todos os campos da sociedade portuguesa, não deixando de assinalar a ironia que, a todo o momento, é utilizada pelo escritor:

Nós não queremos também que num país como este, ignorante, desorganizado, se lance através das ambições e das cóleras o grito de revolta! Queremos a revolução preparada na região das idéias e da ciência; espalhada pela influência pacífica duma opinião esclarecida... (QUEIRÓS, 2000, p. 703).

O crítico continua suas argumentações, em sua obra *As Conferências do Casino*, afirmando que tanto *As Farpas* quanto as Conferências do Casino foram manifestações que mais exerceram uma representatividade na década de 1870, partindo do ponto de vista ideológico-cultural. Com *As Farpas*, por exemplo, Eça de Queirós introduz suas críticas diretas ao sistema educacional de modo incisivo e categórico, postura essa que nas suas crônicas posteriores a essa publicação, aparece com uma leve mudança de tom crítico, assim como de conceitos que n' *As Farpas* foram apresentados de modo imutável (REIS, s.d., p. 05).

Logo, partindo para a análise dos textos de Eça de Queirós, nota-se que algumas produções ecianas tratam justamente dos recursos destinados à educação pública, tais como o publicado em março de 1872, no qual o autor chama à responsabilidade o governo municipal já que por direito era o administrador das escolas públicas (QUEIRÓS, 2000, p. 842). Porém, esse governo não demonstrava preocupação alguma com os assuntos de formação intelectual,



tanto que não contribuía financeiramente com tal questão, deixando-a abandonada ao acaso. Por isso, Eça passa a crer que o valor de uma geração dependeria da educação que recebesse das mães, já que o acesso à instrução formal era quase que inviável (QUEIRÓS, 2000, p. 848), ou seja, já que o governo não se responsabilizava com a educação formal, as mães deveriam assumir com empenho essa responsabilidade. Ao assumir esse ponto de vista, Eça recupera a proposta que Almeida Garrett também havia abordado na obra *Da Educação*, em 1829.

Nessa obra, Garrett dedica o primeiro capítulo inteiramente à educação doméstica acreditando que a verdadeira educação inicia-se em casa. Eça de Queirós, reafirmando o posicionamento de Garrett, vê a educação doméstica como uma alternativa eficaz, já que a educação formal não estava preparada para atender a uma grande demanda, além disso, era comum esse tipo de educação em Portugal, principalmente em se tratando da população menos favorecida financeiramente.

Também Antero de Quental, num texto dedicado à *Educação das Mulheres*, afirma que toda a formação humana, o caráter de cada ser dependeria do que teria sido ensinado por suas mães, ou seja, a educação feminina acaba por ser vista como fundamental, com outras palavras, diz o autor:

Bebemos, com efeito, nos seios da mãe, nos olhos da amante, nos braços da esposa todas as virtudes ou todos os vícios, com que depois surgimos no mundo: sendo a mulher o mistério guia, e mestra da nossa educação moral, em todas as fases da nossa vida, claro é que, o que fomos no bem ou no mal, a ela o devemos. (QUENTAL, 1982, p. 112)

Por esse motivo apresentado, Antero continua dizendo que a educação:

(...) não deve começar nem pelo clero, nem pelo povo, nem pelas escolas, nem pelos mestres, mas pelos mestres naturais, - pelas mulheres, com as



mulheres, e só pelas mulheres; pelas mães, pelas filhas, pelas amantes, pelas esposas... (QUENTAL, 1982, p. 112)

Por outro lado, a mulher do século XIX não possuía sua própria independência, vivia em função dos afazeres domésticos; quando solteiras viviam sonhando com o futuro marido e quando casada devia se dedicar a cuidar do marido e dos filhos, de modo que a educação formal, na prática, não se fazia necessária.

Se assim era o que ocorria na vida das mulheres do Portugal oitocentista, então logo se compreende o porquê as autoridades governamentais não se interessavam com as questões educacionais e, principalmente, com a educação das mulheres portuguesas, pois se a sina dessas mulheres era viver para a sua família, de que serviria estudar?

O que não se tinha em mente, na cultura da época, era que também essas mulheres poderiam corroborar com o crescimento da nação. Essa consciência, porém, fez parte dos escritos de Verney, na intitulada obra *O Verdadeiro Método de Estudar*, na qual apresentou uma proposta de educação para o século XVIII.

Outro motivo apresentado por Eça de Queirós em relação à educação feminina era a preguiça, que segundo afirmou era um dos grandes males que atingia a sociedade portuguesa contemporânea, de modo particular as mulheres que já tinham seu futuro educacional comprometido com a futura vida matrimonial. Conseqüentemente, a educação feminina não tinha muita relevância prática na vida das mulheres, pois se a sociedade havia colocado-as na posição de donas-de-casa o máximo que os estudos poderiam ser úteis seria na educação dos filhos, o que para a maioria dos intelectuais, incluindo Eça de Queirós, seria uma das saídas para o início do crescimento cultural da nação portuguesa.

Em contrapartida a essa proposta de educação doméstica, o que se via era que a “cultura da ignorância” estava enraizada de tal forma na sociedade que, Eça de Queirós, na crônica publicada em junho de 1871, n’*As Farpas*, dissera que:



O homem à maneira que perde a virilidade de caráter, perde também a individualidade de pensamento. Depois não tendo de formar o caráter, porque ele lhe é inútil e teria a todo o momento de o vergar; não tendo de formar uma opinião, porque lhe seria incômoda e teria a todo o momento de a calar – costuma-se a viver sem caráter e sem opinião. Deixa de freqüentar as idéias, perde o amor da retidão. Cai na ignorância e na vileza. (QUEIRÓS, 2000, p. 676)

Portanto, o processo de decadência em Portugal torna-se tão pitoresco entre a população, que chega a incorporar no indivíduo a idéia de que a formação do caráter, a educação, tornara-se algo inútil e incômoda.

Os professores de instrução primária, por sua vez, são apresentados por Eça de Queirós como sendo uma figura “desgraçada” (QUEIRÓS, 2000, p. 845). Vale salientar que, além de receber um salário medíocre, o professor primário não possuía carreira, o que lhe proporcionava falta de estímulo, abandonando-se à rotina. O professor havia se transformado, segundo afirma Eça, em um empregado de eleições (QUEIRÓS, 2000, p. 664).

Com toda essa falta de incentivo ao profissional da educação, não seria possível esperar um bom resultado proveniente da educação formal no país. Algo que seria no mínimo preocupante para qualquer sociedade que tivesse o ensejo de se engajar no mundo considerado moderno aos olhos dos intelectuais, como era o caso português.

Dessa forma, os intelectuais foram percebendo a discrepância entre a cultura portuguesa com a estabelecida na Europa moderna, acabaram produzindo a chamada “mentalidade decadentista”, tendo seu marco na década de 1870. Esse sentimento pessimista e decadentista impulsionou os intelectuais a se esforçarem para obterem uma atualização frente à cultura européia, buscando muitas vezes reproduzirem costumes e idéias dos países considerados modernos, como por exemplo, a França, fonte de inspiração oitocentista em Portugal.

Essa tendência à reprodução de costumes e idéias de outros países em Portugal tornou-se tão comum na segunda metade do século XIX, que, Eça de Queirós tentou reproduzir em alguns de seus textos, o quanto à cultura portuguesa estava se tornando rendida ao modelo educacional francês, como os presentes em *Notas Contemporâneas* (1880-1881).



Para Eça, as tentativas de renovação da educação em toda a Europa, apresentada por diversos intelectuais e as poucas que, de fato, foram colocadas em prática, tinham sido de grande valia, porém não tinham, ainda, conseguidos atingir todos os habitantes europeus. Por outro lado, o que se verifica também em outros textos produzidos nos anos finais da década de 1880 é uma mudança de paradigma, o que notadamente pode ser verificado no artigo “O Francesismo”, publicação póstuma 1921.<sup>2</sup> Nesse texto queirosiano, o autor inicia dizendo: “Há já longos anos que eu lancei esta fórmula: - *Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo*” (QUEIRÓS, 2000, p. 2107). Afirma, portanto que também fez parte do grupo que valorizava a França, colocando-a num *status* de um país superior culturalmente, desejando que Portugal, sendo inferior, assumisse a posição de inferioridade, e por ser incapaz de se desenvolver de modo independente só lhe resta se inspirar nos modos e costumes franceses, a ponto de ser uma réplica, uma tradução da França.

Porém, mais adiante no mesmo parágrafo, Eça chega à conclusão de que Portugal não passa de uma cópia mal feita dos costumes franceses. Assim, avalia essa tentativa de reproduzir costumes de outros países como uma privação dos desejos e prazeres nacionais, uma descaracterização do nacionalismo e uma supervalorização do estrangeirismo.

Portugal, na tentativa de adquirir uma civilização que se equiparasse à França, acabou perdendo sua identidade nacional, assumindo para si uma identidade que não lhe pertencia: a francesa, demonstrado no texto intitulado “Brasil e Portugal”, ao dirigir-se a Pinheiro Chagas dizendo:

Por isso você...olhou em redor. E que viu? Um espetáculo triste: uma mocidade... odiando o solo em que nascera, a língua que falava, a educação que recebera, amuada dentro desse ódio estéril... tão alheio à Pátria e ao seu gênio como se tivesse sido importada de França, em caixotes, pelo paquete do Havre! Isto era suficiente para indignar um coração... (QUEIRÓS, 2000, p. 1646)

<sup>2</sup> Encontrado entre os papéis do escritor, publicado postumamente em 1912 na coletânea intitulada *Últimas Páginas*, e que segundo Guerra da Cal, em nota de rodapé das obras completas de Eça de Queirós, *dataria de 1887 que o considera de sumo interesse bio-literário*. (QUEIRÓS, Eça. “O Francesismo.” In. *Obras Completas*. Vol. III. Org. Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000., p. 2107.)





### 3. Algumas considerações finais

Portanto, ao mesmo tempo em que Eça de Queirós denuncia as práticas pedagógicas pouco originais, baseadas exclusivamente nos métodos franceses, demonstra como a educação na Europa, em geral, também se distancia do ideal. Por um lado, Portugal se perde na busca por uma identidade nacional na medida em que copia modelos estrangeiros, por outro, os países europeus que possuíam um sistema educacional evoluído precisava encontrar novas formas de democratizar ainda mais a educação formal. Dessa forma, o que Portugal precisava, para Eça de Queirós, era criar novos métodos educacionais que valorizassem a nação, privilegiando o vernáculo e a cultura que lhe era inerente, assim o combate à decadência nacional portuguesa poderia começar a ser pensada.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Luís de. *Estudos de História*. Vol. VI (Notas para a História do ensino em Portugal), Coimbra, Por ordem da Universidade, 1978.
- PIRES, António Machado. *A idéia de decadência na Geração de 70*. 2º. Ed. Lisboa: Vega, 1992.
- QUEIRÓS, Eça de. “Uma campanha alegre: das farpas”. In. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 2000.
- QUEIRÓS, Eça de. ORTIGÃO, Ramalho. *As Farpas*. Vol. I. Rio de Janeiro: Dois Mundos Editora, s.d.
- \_\_\_\_\_. Prefácio a *O Mistério da Estrada de Sintra*. Porto: Lello, 1967.
- QUENTAL, Antero de. *Prosas Sócio-Políticas*. Publicada por Joel Serrão. Imprensa nacional – Casa da Moeda, 1982.
- REIS, Carlos. *O essencial sobre Eça de Queirós*. S.l.: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d.
- \_\_\_\_\_. *As Conferências do Casino*. Lisboa: Alfa, 1990.



SERRÃO, Joel. *Do sebastianismo ao socialismo*. Lisboa: Horizonte, 1983.